

RODRIGUES, Marcella; SANTOS, Camila; BIANCALANA, Gisela; **Relacionamentos em redes.** UFSM; CAL/PPGART, Bolsista CAPES. UFSM; CAL/PPGART, Bolsista CAPES. UFSM; Professora titular do Curso de Dança Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão escrita que é sustentáculo para uma poética em Performance Arte. Esta reflexão refere-se aos laços humanos e suas redes ancorando-se, sobretudo, no autor Zygmunt Bauman. Neste contexto, a partir do olhar do autor acerca das relações humanas atravessadas pelas redes sociais, são discutidas questões que aproximam seu discurso aos estudos de Santaella sobre a cibercultura, bem como os pressupostos da Performance Arte em suas características e seu fazer artístico inseridos no novo formato da comunicação digital. Ao longo do texto é evidenciado o processo de pesquisa no mestrado em Artes Visuais com o propósito de refletir de que forma as experiências cotidianas podem alavancar a elaboração de uma série de Performances ancoradas nas relações estabelecidas pelo trânsito entre as discussões levantadas pelos autores escolhidos.

Palavras-chave: Relações humanas. Redes. Performance arte.

ABSTRACT

This article presents a written reflection that supports a poetics in Performance Art. This reflection refers to the human bonds and their networks anchoring, above all, in the author Zygmunt Bauman. In this context, from the perspective of the author on the human relations crossed by the social networks, questions are discussed that approach his discourse to the studies of Santaella on the cyberculture, as well as to the assumptions of Performance Art in its characteristics and its artistic work inserted in the new format of digital communication. Throughout the text is evidenced the research process in the masters in Visual Arts with the purpose of reflecting how daily experiences can leverage the elaboration of a series of Performances anchored in the relationships established by the traffic between the discussions raised by the chosen authors.

Keywords: Human relations. Networks. Performance art.

A presente escrita dedica-se a abordar as relações humanas como um processo atravessado por sensibilidades e afetos que escapam ao ato de se firmar somente em referências bibliográficas, principalmente no que diz respeito às relações entre casais, os quais serão foco desta reflexão. Este foco pretende ser impulso

para criação de uma série de Performances em andamento que cruzam relacionamentos afetivos no mundo pós-moderno amplamente atravessado pela cibercultura. Porém, neste momento reflexivo, nos deteremos às questões relativas à vida social, especialmente as afetividades liquefeitas, termo cunhado por Zygmunt Bauman. Sendo assim, no decorrer do texto apontaremos algumas escritas deste sociólogo polonês o qual, por muito tempo, deteve suas pesquisas sobre os relacionamentos humanos, tanto familiares quanto aqueles recorrentes ao convívio social com amigos, conhecidos e mesmo desconhecidos. Sua perspectiva adota a associação com o termo líquido, usado para discorrer sobre as relações humanas na atualidade. Também abriremos espaço para lançar um olhar acerca dessas relações contemporâneas, relacionando parte da escrita com autores como Santaella (2003), acerca da cibercultura, e Cohen (2002), no que diz respeito à Performance Arte.

O assunto em questão nos parece atraente por envolver, de maneira muito intensa, o amplo espectro de relações humanas que se estabelecem no dia a dia, seja no trabalho, na família, na vida social de modo geral, atravessadas pelo dinâmico e multifacetado mundo contemporâneo. Neste contexto amplificado, nos interessou recortar as relações afetivas entre casais, por perceber um atravessamento constante e ativo nesses modos de convívio. As modificações na forma de ser/estar presente um para outro, distanciando-se da privacidade e compartilhando uma vida não mais a dois, mas em muitos.

Para tal, Zygmunt Bauman foi uma escolha teórica que nos pareceu vir ao encontro das inquietações supracitadas. O autor iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia onde teve artigos e livros censurados, talvez por sua ousadia em adentrar no campo do afetivo absorvendo pressupostos da pós modernidade ainda não bem digeridos por aquelas sociedades nas quais estava inserido. Sendo assim ele foi afastado desta instituição no ano de 1968. Este episódio fez com que o autor reconstruísse sua carreira no Canadá, nos Estados Unidos, na Austrália e na Grã-Bretanha, locais onde foi aceito e, posteriormente, se tornou professor de sociologia na Universidade de Leeds. Em 2016, deu sua última entrevista para a revista Diálogo Internacional, pois faleceu no dia 09 de janeiro de 2017. Porém, mesmo após sua morte, teve três livros publicados devido ao impacto e inserção de seus pensamentos, primeiramente nos contextos acadêmicos transbordando para além dele. Interessa-nos, especialmente aqui, sua abordagem das relações amorosas

inseridas nesta perspectiva do amor líquido. Portanto, em um primeiro momento dessa escrita, iremos nos basear, sobretudo, na sua obra denominada “Amor Líquido” (BAUMAN, 2004).

Logo na introdução do livro, Bauman nos convida para que, ao longo da leitura, lancemos um olhar interessado nas formas assumidas pelas relações humanas que têm se tornado, cada vez mais, flexíveis. Porém, esta flexibilidade tem agregado altos níveis de insegurança nas sociedades habituadas a estabilidade. O autor justifica esse pensamento ao postular que esta é uma peculiaridade incidente nos dias atuais, pois em meio aos problemas que todas as relações sofrem em algum momento, ao invés de se construir possibilidades para a resolução, acaba-se perdendo a razão. Assim, Bauman compara as relações atuais “com uma balsa frágil, pois quando a insegurança sobe a bordo, perde-se a confiança, a ponderação e a estabilidade da navegação.” (BAUMAN, 2004, p. 31).

Mais do que afetar as relações amorosas e vínculos afetivos familiares, Bauman ressalta a dificuldade que se dá ao lidar com os “reparos”, já que se vive em uma era de reposição de acessórios. Ou seja, para alguns, parece uma grande perda de tempo, parar e consertar a peça quebrada. Ao invés disso, é mais fácil trocá-la por outra que a substitua. No entanto, o autor afirma que “(...) na balsa do relacionamento não há peças sobressalentes” (BAUMAN, 2004, p. 31). Então, a questão constitui-se na valia de construir possibilidades de resolução em tempos atuais. É antagônico pensar que, na era das conexões de redes virtuais, este mesmo meio que aproxima tantas pessoas distantes pode também afastá-las. Assim, esta cultura de rede tem afetado os laços humanos, muitas vezes, diluindo-os ou mesmo desintegrando-os quase que totalmente.

Neste contexto, os atravessamentos que as redes têm tomado na intensidade das relações humanas, especialmente naquelas que são tão próximas, tem gerado certa ansiedade perante a perda de controle absoluto. Ao mesmo tempo que as relações virtuais propõem uma vasta liberdade de escolhas dinâmicas, abrem também um espaço para que, em questão de segundos, a ação de desconectar se faça presente. Logo, notamos a instantaneidade desse processo: se num dia existem pessoas desconhecidas entre si, no outro os “desconhecidos” acreditam que se conhecem intimamente. Vale ressaltar que essas possibilidades geram incertezas, ou seja, o “aceito” pode torna-se “bloqueado” momentaneamente.

Esse sentimento às vezes é ótimo, pois abre um leque de caminhos a serem percorridos sem ter que firmar-se num único lugar. Por outro lado, a insegurança de voltar, abrir a tela e não ver o outro ali causa, para muitos, desconforto e dificuldade de criar laços de longo prazo.

As realidades fixas de espaço e tempo sofreram alterações desde as significativas mudanças de paradigmas que assolaram o século XX como, por exemplo, o indeterminismo, a relatividade e a quântica. As pessoas vivem em justa posição, urbanizadas se distanciam de seu contexto natural. Em tempo quase integral, elas são bombardeadas com imagens, textos, entre tantas informações instantâneas e, muitas vezes, descartáveis e descontextualizadas, em alta velocidade. Santaella (2003) pode se aproximar das colocações de Bauman quando discorre sobre o desenvolvimento das tecnologias da informática, especialmente a partir da convergência explosiva do computador e das telecomunicações. Neste contexto, a autora relata como as sociedades foram se complexificando crescentemente e desenvolvendo uma habilidade surpreendente para armazenar, recuperar informações, tornando-as instantaneamente disponíveis em diferentes formas para quaisquer lugares.

Assim, é possível estar no trabalho ao mesmo tempo em que está se relacionando com alguém que diz morar na Austrália, mas que, talvez, esteja no bairro vizinho. Não obstante, ao mesmo tempo em que se está conectado a muitas pessoas, é possível desconectar-se daqueles mais próximos. O tempo que se passa tão imerso nos dispositivos disponíveis pode afastar o calor do contato presencial. Pessoas já conversam pelos dispositivos com a velocidade de um piscar de olhos. Em um piscar, a atenção está no aparelho tecnológico com muitas janelas abertas. Outro piscar presta atenção no assunto da sala de estar e mais um na televisão. Estes são conflitos que vêm se instaurando e, em parte, se solucionando à medida que se estabelecem outros novos desafios da obsolescência instantânea.

No decorrer do texto de Bauman (2004), surgem duas perversões divergentes referentes ao modo de se relacionar. A primeira trata da opção de não contradizer o outro por medo da perda e do descontentamento alheio e, também, pelo desejo de paz e conforto aprovando tudo o que o outro fizer ou falar. Segundo Bauman, “não importa o mal que a obstinação possa causar, não contradizer, muito menos

pressionar a escolha entre a liberdade e o amor” (BAUMAN, 2004,p. 32). Em seguida vem a segunda perversão que quer esboçar toda sua possessividade e autocontrole. Aqui, o sentimento de raiva corre livre no âmbito amoroso sendo quase impossível que um se deixe desvincular do outro e, se isso acontecer, inicia-se uma guerra entre ambos. Talvez, por essas questões, entre outras, muitas pessoas tem optado pelo relacionamento em redes, por vezes até mesmo sem nenhum contato pessoal. Estes circuitos de relações, as quais podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade, têm ganhado cada vez mais novos adeptos. Especialmente quando o objetivo é fugir de conexões que tenham muitas exigências, principalmente de uma entrega integral.

O autor também evidencia a chamada “relação de bolso” (BAUMAN, 2004, p. 36), que seria aquela que se preserva apenas enquanto ela tem certa utilidade, ou seja, pode ser descartada quando não for mais necessária. Elas são emoções livres em contraposição às emoções controladas como as subcorrentes marítimas. Para alguns, essas relações representam frieza, pois parecem ser descartáveis. Essa colocação nos faz lembrar de uma frase constantemente repetida pelo soneto de Vinícius de Moraes, “que seja eterno enquanto dure”. Ou seja, quando acabar, continua-se por outro caminho, ou pelo mesmo, porém com um laço a menos. Para aqueles que se propõem olhar com outros olhos, esse relacionamento de bolso pode vir a ter uma doçura que se abrigue precisamente na reconfortante consciência de que não é preciso ninguém sair ou permanecerem seu caminho para mantê-lo.

Assim, pode-se criar uma imagem na mente quando se fala no mundo como uma grande rede. Talvez, ao ampliar e aprofundar um pensamento sobre essa imagem, perceberemos que ela não pertence a ninguém ao mesmo tempo que pertence a todos. É como se o ser humano, em sua grande maioria, imerso neste cibercontexto estivesse interligado ao outro e, mesmo que se corte alguns dos fios de interligação, haverá outros que ainda o mantém conectado. Igualmente os acontecimentos se conectam: pessoas, coisas, fatos, atos, tudo recebe partes de inúmeras correntes, com intensidades diferentes, com alcances diferentes, em tempos diferentes, mas ainda assim, algo está constantemente passando de modo múltiplo, dinâmico e simultâneo. Sentados no sofá da sala, pode-se ir a Londres, visitar a *London Eye*, encantar-se com as luzes que invadem as gigantescas telas, enquanto, na aba aberta ao lado, confere-se as promoções do supermercado

ouvindo os sons das notificações das redes sociais que, provavelmente, estão ativadas. Da mesma forma, muitas mudanças ocorreram na nossa forma de se relacionar, conseqüentemente, modifica-se a forma de manifestar afetos nas relações. Se uma pessoa amada não manifestar aprovação a uma postagem ou foto do parceiro, pode-se criar um problema, ainda que eles já tenham se visto e se elogiado pessoalmente pela manhã. Para Bauman isso significa um silêncio que praticamente exclui. Para manter-se presente, a pessoa não pode estar silenciosa nas redes, “o silêncio equivale à exclusão” (BAUMAN, p. 52, 2004).

Ao refletirmos sobre o pensamento do autor em relação a este silêncio, pensamos, especificamente, no silêncio presencial. O dia é longo, a rua, o carro, o trabalho atravessam os corpos pelos contatos presenciais e, ainda, pelos dispositivos móveis. Parece difícil distinguir aonde termina um para que inicie o outro, mesmo porque são presenças múltiplas coexistindo pelo contato e pelos ambientes virtuais. Em algum momento uma mensagem, um áudio, um *emoji*. Mesmo longe é possível estar ali. No final do dia, se está ali! Mas também se está no local de sua próxima viagem, no supermercado e com mais uma infinidade de pessoas móveis por aplicativos. Talvez durante o dia se estava lá e estava ali, simultaneamente. A noite se estava ali e em mais uma porção de lugares em um mesmo instante nos quais a noção estática de espacialidade não permitiria. Por esse viés, Bauman (2004) coloca que quanto mais se pode, essa multiplicidade vai gerar obstáculos e desafios à mentalidade moderna racional e extremamente objetiva. Por essa característica do mundo contemporâneo também requer que, mesmo nadando livre e simultaneamente por inúmeras correntezas, é possível ou, algumas vezes necessário, colocar o pé numa pedra e estabilizar momentaneamente no sentido de percebermos o mundo dosensível, das materialidades captadas pelas sensações, pelos sentidos, pelo contato da carne.

Desse modo, consideramos que as experiências sensíveis são fundamentais no contexto das novas formas de relações humanas regadas pelo acaso, pela instabilidade, pela inconstância, entre outras, uma vez que somos organismos constituídos de uma materialidade carnal. Em contrapartida, nos novos contextos em expansão de possibilidades emerge uma leveza descompromissada que detona um vasto leque de possibilidades relacionais. Então, nos damos conta quanto a Performance Arte, manifestação artística que nos apoiamos, equipara-se a essas

relações contemporâneas no seu modo de fazer assim como pelo caráter transdisciplinar. A Arte da Performance nasce como manifestação artística em meio a um período de grande efervescência sociocultural estando ancorada aos movimentos vanguardistas no início do século XX. As artes plásticas, o teatro, a dança, a música, entre outros, absorveram pressupostos destes movimentos ao nascer no século XX, momento que parece agregar transformações profundas nos modos de ser, pensar, sentir e agir humanos.

Sendo assim, não é por acaso que surge a Performance Arte com suas proposições transbordantes. Ela dissolve fronteiras de linguagens territorializadas, revolve o espaço e tempo, questiona o espaço institucionalizado da arte, permite-se relacionar diretamente com o público, entre tantas outras ousadias até então inexploradas e encaixotadas pelos dogmas convencionais. Ao buscar novas formas de interação entre público, obra e artista, ela escapa das relações estáticas e previsíveis que têm somente suas participações definidas com seus papéis predestinados. Sabemos com clareza que a Arte da Performance não foi a única manifestação artística a desbravar novas possibilidades, pois estas características são próprias da arte pós-moderna, de modo geral, mas é uma daquelas que se insere neste ambiente contestatório do *Porque Não*. Entre as moções defendidas por estes artistas estava a não estagnação da arte, gerando possibilidades de sair da correnteza padronizada construindo caminhos ainda desconhecidos, desbravando outras formas que vieram a ser viabilizadas e, conseqüentemente, legitimadas. Deste modo, foram sendo desenhados novos caminhos possíveis no campo das artes, sobretudo no âmbito das artes corporais.

Em virtude destas transformações e mudanças de pensamento, Cohen (2002) coloca a Performance como uma evolução dinâmico-espacial das Artes Visuais, até então uma arte estática, compreendendo esta área como lugar de origem desta manifestação artística. O autor aponta que a

tentativa de localizar a *performance*, enquanto gênero, numa relação com outros estilos de arte cênica, é ao mesmo tempo difícil e contraditório. A *performance*, na sua própria razão de ser, é uma arte de fronteira que visa escapar às delimitações, ao mesmo tempo que incorpora elementos das várias artes (COHEN, 2002, p.139).

Esse trânsito que a performance possibilita ao artista propõe uma terra quase sem fronteiras. Um fato atravessa o outro, até que não se perceba quem iniciou e quem encerrou o processo. Todos os códigos estão presentes na obra, ainda que seja provável que não se perceba ou localize, se distinga ou mesmo descarte estes componentes. Cauquelin (2011) ressalta que as possibilidades descartadas não necessariamente são nulas. Assim, acreditamos que tudo que passa pelo processo de criação de uma Performance a modifica, transformando seu fazer artístico efêmero por natureza.

Bauman contribui com esse pensamento ao compreender que

[...] os estímulos se fundem e se misturam no trabalho extremamente absorvente e exaustivo de tecer redes e surfar nelas. O ideal de conectividade luta para aprender a difícil e irritante dialética desses dois elementos inconciliáveis (BAUMAN, p. 51, 2004).

Assim, evidenciamos que tanto no âmbito das relações humanas quando no mundo artístico, nesse caso no que se detém a Performance Arte, há dois ou mais mundos divergentes, mas desejáveis, visto que entram em conflito entre eles mesmos. Porém, são caminhos que oferecem possibilidades imprevisíveis, uma mistura que pode provocar instabilidades temporárias, porém próprias desta proposta deslizante em sua constituição mesma.

Ao evidenciar na pesquisa as relações humanas no mundo contemporâneo, o objetivo não se destina somente fazer um apanhado sociológico sobre os laços humanos e suas novas possibilidades de encontros e desencontros somente pelo viés teórico. O intuito é mergulhar nas experiências pessoais e de outros proporcionando situações que possam ser impulsos na criação de Performances afirmando aqui que elas não pretendem ser sobre os fatos vivenciados e sim através deles.

Deste modo, o texto de Bauman (2004) nos mostra a potencialidade que as relações geram sobre nosso ser, sentir, pensar e fazer, tornando-se ainda mais preciosas como elementos da criação pelos diversos caminhos que podem ser percorridos. “Elas agora são tênues, sutis, delicadas, provocam sentimentos de proteção, fazem com que se deseje abraçá-las, acariciá-las e mimá-las (...).” (BAUMAN, p. 48, 2004). Os afetos elaborados em espaço-tempo presentes, assim trabalhados para uma Performance Arte, evocam um ser-estar-sentir-pensar do-no-

pelo corpo em estado de arte. Nestas propostas artístico investigativas, lidar com o acaso é fundamental para a obra tornando indefinido o futuro em constante expansão.

No projeto de pesquisa desenvolvido no mestrado, temos enfocada a preparação e elaboração de Performances artísticas que abordam uma poética deste atravessamento da cibercultura nas relações de casais. Para tal, o procedimento metodológico adotado tem sido as pesquisas de campo e a autoetnografia com intuito de aproximar-me de diferentes experiências do outro, assim como de faixas etárias em diferentes contextos socioculturais. Salientamos que não abordamos, aqui, as questões metodológicas a fim de não desviarmos da proposta de discussão teórica dos autores selecionados para este trabalho. Os procedimentos metodológicos serão foco de reflexão em outra publicação. Convém ressaltar que, alicerçados ao referencial teórico que sustenta a pesquisa, as experiências absorvidas na carne das pesquisadoras durante o processo serão modos de apreender e visualizar condições, subjetividades, identidades e concepções de relacionamentos virtuais na criação das Performances.

Sendo assim, o pensamento sobre as relações humanas não pretende se esgotar nem percorrer uma linha de pensamento linear e causal, mas pensar em como esses atravessamentos transpassam o pesquisador inserido, ele também, no mundo contemporâneo modificando toda a forma de ser/pensar/fazer/sentir em toda a sua diversidade, inclusive na própria arte. Neste contexto, reverberam-se estados múltiplos e simultâneos. Portanto, as práticas artísticas são atravessadas e atravessam o mundo em possibilidades inusitadas. Os artistas, por sua vez, imersos na transversalidade, constituem estes contextos expandidos e expressam-se neste *modus operandi*.

Por fim, para nós, este percurso de criação artística se faz em um exercício de abandono aos focos selecionados. Ele se elabora pelo mergulho nas águas profundas da afetividade atravessada pela cibercultura, dando vazão para vir à tona toda bagagem experiencial obtida com o decorrer do tempo, bem como aquelas que podem aflorar no momento, ou outras que podem ser deixadas para trás. As possibilidades de relacionamentos são rodeadas de dualismos que podem impulsionar, ou não nosso modo de ver e viver essa rede. A criação das

Performances também não é neutra, mas composta por visibilidades e invisibilidades no/do/pelo corpo. Isso faz das Performances constituídas por corporeidades em trânsito livre entre seu interno e o externo, o palpável e o não palpável. Elas edificam esse eterno jogo de existir mediado pela pele, pela respiração, pelo instinto talvez, através do outro. Ela se torna, ainda, um agenciador das trocas entre corpo, espaço e tempo como fluxo de liberdade dos rótulos impostos, dos movimentos que nos categorizam e codificam evidenciando a oportunidade da experiência.

Findamos esse texto com o sentimento de estar mergulhada. Por ora, o que buscamos não são respostas definidas sobre o motivo das escolhas, se concordamos ou não com os novos percursos dos relacionamentos afetivos virtualizados. Porém, acrescentamos que este processo é instigante para nós e faz pensar sobre ser afeto no mundo desestabilizando e reorganizando o desenvolvimento da pesquisa em tempo quase que integral. Pensando bem, isso tudo também é um atravessamento de vastas experiências e possibilidades que chegam e vão embora com diferentes velocidades deixando suas marcas, porém nos dando aval para escolher o que carregamos conosco e o que deixamos pelo caminho.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CAUQUELIN, Anne. **No ângulo dos mundos possíveis**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: PAULUS, 2003.